

Caro Editor,

Não pude deixar de manifestar-me frente a tão pertinentes, pujantes e até emocionantes editoriais presentes na última edição do milênio. Foram três editoriais, escritos por três dos mais ativos e respeitados endocrinologistas da atualidade. Agradeço a lembrança de meu nome como colaboradora dos “Arquivos”, e digo que acredito que nossa revista deva ser valorizada. Se ainda não possui uma repercussão internacional, não tenho qualquer dúvida de que presta um serviço inegável de atualização aos endocrinologistas brasileiros, trabalhadores nos mais distantes pontos deste enorme país. Inegável também foi seu empenho, caro Claudio, para o crescimento dos ABE&M. Seu trabalho ficou impresso na revista como uma marca indelével de sua persistência e objetividade, com um otimismo contagiante e uma visão moderna, imparcial e desnuda de qualquer preconceito, como lhe é peculiar.

É notório o grande momento de ebulição que vive a endocrinologia neste país. No mesmo instante em que observamos a presença de grandes médicos e cientistas entre nós, com o surgimento continuado de jovens pesquisadores produzindo trabalhos de nível internacional, verificamos também o enorme desalento existente entre os clínicos que abraçaram esta especialidade, massacrados pelo trabalho clínico diário em seus consultórios, sem qualquer reconhecimento.

Segundo a Bíblia, o trabalho foi um castigo imposto aos homens por Deus no momento em que Adão e Eva O desafiaram e comeram o fruto proibido. À partir de então, fomos obrigados a conseguir o pão de cada dia com o suor de nossos rostos. O trabalho, portanto, possui como finalidade a recompensa com um bem material, de preferência em moeda vigente. Não se trata de um *hobby* ou uma distração, cuja finalidade é única e exclusivamente o prazer pessoal. Para nossa dedicação, têm que haver uma contrapartida financeira. Não é o que temos vivenciado.

O que mais me comove nos cursos que participo, é observar a presença constante dos endocrinologistas, muitas vezes perdendo momentos de lazer ou convívio familiar, por uma vontade de se atualizar ou um interesse em resolver um caso difícil de consultório, mesmo sabendo que todo este esforço não será retribuído na forma de uma gratificação econômica decente, que seria o objetivo primeiro do trabalho. E, portanto, fiquei muito feliz em verificar que o Dr. João Hamilton Romaldini, presidente da nossa sociedade na ocasião, também em um dos editoriais deste fascículo, se refere a isto: uma campanha de valorização do trabalho clínico. O endocrinologista é um clínico verdadeiro. Seu trabalho baseia-se na aplicação de seus conhecimentos para um diagnóstico correto e na instituição de um tratamento adequado, que não geram qualquer outra receita ao clínico, a não ser a consulta médica em si. O endocrinologista não possui qualquer outro “procedimento” que possa complementar a receita da consulta médica, como acontece com outras especialidades. Todos sabemos, também, que a medicina massificada pelos planos de saúde avançou por caminhos tão tortuosos e acabou chegando a um beco sem

saída para o clínico, totalmente desvalorizado. No entanto, este médico é o grande propulsor que movimenta os centros diagnósticos e a indústria farmacêutica e funciona como escudo entre o paciente e sua medicina de grupo ou seguradora. Todos ganham, menos o clínico. As empresas farmacêuticas foram avançando até o limite de capacidade econômica dos pacientes, tendo os medicamentos atingido um tal absurdo em seus preços, que pouco ou nada sobra para o pagamento dos honorários médicos, deixados para segundo plano. É premente que o trabalho clínico seja valorizado com remunerações diferenciadas. Quem deve encampar esta luta? Certamente a SBEM, pois se nós mesmos não o fizermos, nenhuma outra instituição o fará.

E, finalmente, refiro-me ao editorial entusiasticamente escrito pelo Dr. Amélio F. de Godoy Matos, presidente do último Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia ocorrido no Rio de Janeiro em novembro passado, do qual tive a sorte de ter participado. Identifiquei-me completamente quando li seu apelo para uma divulgação de nossa especialidade para o público leigo, através da veiculação de campanhas para esclarecimento sobre o que é nossa especialidade e do que ela trata. Venho falando isto há algum tempo com alguns colegas, pois noto que noto um completo desconhecimento junto ao público leigo sobre o que é

a Endocrinologia. É complexo explicar ao leigo o que são glândulas endócrinas, e muitos acham que endocrinologista é sinônimo de “médico de regime”. Não que eu desconsidere a obesidade, ao contrário, acho que é um problema básico para a saúde e da competência do endocrinologista. Entretanto, não nos limitamos apenas tratar essa doença, e isto deve ficar claro para a população. Em consequência disto, algumas de nossas capacidades vêm sendo encampadas por outras especialidades, como o tratamento das dislipemias, da hipertensão arterial, da osteoporose e até do diabetes mellitus. São doenças metabólicas ou conseqüentes a distúrbios endócrinos e estamos aptos a lidar com elas. Temos que demonstrar nossa capacidade e disposição para tratá-las. Se não ocuparmos nosso espaço, certamente outros ocuparão.

Senti necessidade de manifestar-me e, desta forma, talvez encorajar outros colegas a fazer o mesmo, pois tenho certeza de que a grande maioria de nós está sentindo a mesma coisa. Isto demonstra que os dirigentes de nossas instituições estão em sintonia com seus associados.

Parabéns a todos, e um grande novo milênio para a SBEM!

Marise Lazaretti Castro